

INVESTINDO EM VALOR

jun/2020

FAZ SENTIDO?



24/06/2020

A forte alta da bolsa faz sentido?

Com grande diminuição de casos de coronavírus pelo mundo, especialmente nos países onde a pandemia chegou primeiro, as economias começam a reabrir. E o mercado financeiro, que busca se antecipar aos acontecimentos da economia real, sobe vigorosamente pelo mundo afora, ajudando o Ibovespa a ir nesse mesmo caminho.

O S&P500, o índice de ações mais importante dos EUA (e conseqüentemente do mundo), que fechou 2019 aos 3.231 pontos, registra hoje 3.117 pontos. Ou seja, uma queda de apenas 3% no ano. Já o Ibovespa apresenta 95.336 pontos, uma queda de 18% no ano, mas que representa também uma recuperação de 50% sobre o mínimo, de 63.570 pontos, alcançados em 23 de março. Na tabela abaixo você pode ver o comportamento dos principais índices de ações do mundo.

Índice	País/ região	Em		Data do mínimo	Em 22/06/2020	Queda máxima	Recuperação	Variação no ano
		31/12/2019	Mínimo					
Nasdaq	EUA	8.973	6.861	23/03/2020	10.056	-24%	47%	12%
Shanghai (SSE)	China	3.050	2.660	23/03/2020	2.965	-13%	11%	-3%
S&P500	EUA	3.231	2.237	23/03/2020	3.118	-31%	39%	-3%
Nikkei	Japão	23.657	16.553	19/03/2020	22.437	-30%	36%	-5%
DAX	Alemanha	13.249	8.442	18/03/2020	12.263	-36%	45%	-7%
Euro Stoxx 600	Europa	416	280	23/03/2020	363	-33%	29%	-13%
Hang Seng	Hong Kong	28.319	21.696	23/03/2020	24.511	-23%	13%	-13%
BSE	India	41.254	25.981	23/03/2020	34.911	-37%	34%	-15%
FTSE 100	Inglaterra	7.542	4.994	23/03/2020	6.245	-34%	25%	-17%
Ibovespa	Brasil	115.645	63.570	23/03/2020	95.336	-45%	50%	-18%

Fonte: Google, análise Ohr

Chama atenção o índice Nasdaq, das empresas de tecnologia norte americanas, que sobe 12% no ano. É um desempenho incrível, ainda mais se considerarmos que o Banco mundial espera uma queda no PNB mundial de cerca de 5,2% em 2020, e de 6,1% nos EUA. Ou seja, a alta das ações não tem relação com a expectativa do PNB, já que o natural seria uma forte queda e não uma alta significativa.

Também chama atenção o fato de o Ibovespa ser o último colocado no ano, com queda de 18%. Mas vale dizer que o desempenho da nossa bolsa é muito próximo das bolsas da Índia e Europa (FTSE e Euro Stoxx 600), além de Hong Kong. Além disso, se a bolsa brasileira foi a que mais caiu até as mínimas de março, depois também é a que mais sobe, com alta de 50% desde o piso. Ou seja, nosso mercado de ações sofreu, mas em linha com outros grandes mercados mundiais. E a fortíssima recuperação mostra que talvez a queda

inicial do Ibovespa foi exagerada e injustificada, pelo menos em comparação com os demais índices de ações (vamos falar mais disso um pouco mais a frente).

Finalmente vale notar que quase todos os mercados de ações mundiais tiveram sua mínima em 23 de março (ou datas próximas), mostrando um movimento coordenado das ações mundiais. As ações caíram enquanto a pandemia crescia, e mesmo sem tanta força no Brasil, nós caímos junto. Conforme a pandemia começou a ser controlada e fortes estímulos econômicos foram prometidos ou injetados pelos bancos centrais mundo a fora, os mercados de ações subiram fortemente, e o Brasil inclusive, apesar de a pandemia ainda estar no seu pico (ou próximo dele) no país. Ou seja, as variações nos preços das ações, com maior ou menor intensidade, tem sido puxadas por um movimento global, primeiro de fuga do risco e depois em direção a ele. Tem pouco a ver com resultados das empresas, que é o único driver de preço das ações para investidores de longo prazo.

PNBs pelo mundo

Se as bolsas pelo mundo se recuperam, não é devido a economia, pois as projeções para 2020 são ruins, como pode ser visto na tabela abaixo:

Crescimento % do PNB – Realizado e Projetado

	2017	2018	2019e	2020p	2021p
Mundo	3,3	3,0	2,4	-5,2	4,2
Economias Avançadas	2,5	2,1	1,6	-7,0	3,9
Estados Unidos	2,4	2,9	2,3	-6,1	4,0
Zona do Euro	2,5	1,9	1,2	-9,1	4,5
Japão	2,2	0,3	0,7	-6,1	2,5
Mercados Emergentes	4,5	4,3	3,5	-2,5	4,6
China	6,8	6,6	6,1	1,0	6,9
Rússia	1,8	2,5	1,3	-6,0	2,7
Brasil	1,3	1,3	1,1	-8,0	2,2
México	2,1	2,2	-0,3	-7,5	3,0
Argentina	2,7	-2,5	-2,2	-7,3	2,1
Índia	7,0	6,1	4,2	-3,2	3,1
África do Sul	1,4	0,8	0,2	-7,1	2,9

Fonte: Banco mundial

As previsões são de que o PNB mundial encolha 5,2% em 2020, com forte impacto tanto nas economias desenvolvidas como nas emergentes. O destaque positivo fica com a China, que deve crescer cerca de 1% em 2020, mesmo com toda a crise, o que é um resultado incrível. A Índia também tem uma expectativa acima da média, com queda de apenas 3,2%. Já as demais economias têm previsões de quedas do PNB variando entre -6,0% e -9,1%.

No biênio 2020/2021 a única economia que deve crescer é a chinesa, com a economia indiana ficando perto da estabilidade. As demais economias devem ter uma recuperação

em 2021, mas não suficiente para repor as perdas de 2020. Ou seja, para a maioria das economias a previsão é de que serão necessários mais do que dois anos apenas para voltar ao nível de 2019. E isso não é uma certeza, mas apenas uma previsão, que pode ser bem diferente na prática (melhor ou pior).

Vale ainda destacar a previsão para a economia brasileira, que é a 2ª que deve mais cair em 2020 (melhor apenas que a zona do Euro) e depois tem a 2ª pior recuperação em 2021 (melhor apenas que a Argentina, que vive seguidas crises já há muitos anos). Ou seja, isso ajuda a entender em parte porque nossa bolsa segue a tendência global, mas um pouco pior do que as demais.

Mas, pior do que os resultados previstos é a incerteza. Ainda temos grandes questões em aberto, tanto no Brasil como no mundo:

- Teremos uma 2ª onda de contágio, com a pandemia recuperando força em locais onde ela diminuiu recentemente?
- Quanto tempo ainda teremos de quarentena no Brasil e no mundo?
- As medidas de liquidez, visando reativar as economias, surtirão o efeito esperado e serão suficientes para a atividade econômica se recuperar?

Fazer previsões econômicas é algo muito difícil, que geralmente implica em erros, pois as elas dependem do futuro, que por definição é desconhecido e imprevisível. As previsões aqui apresentadas são as melhores e mais recentes encontradas, mas mesmo em um período normal elas teriam uma margem de erro. E em um momento como o atual, com tantas questões importantes em aberto, essa margem tende a ser muito maior.

Ou seja, o cenário econômico mostra que se tudo sair como previsto as economias mundiais se recuperarão apenas depois de 2021 (com exceção da China). Apesar disso, as bolsas de valores tem quedas leves, o que nos deixa com a impressão de que os valores das ações não tem muita relação com os lucros esperados (que certamente são afetados pela queda no PNB) e sim com outros fatores, como excesso de liquidez e taxas de juros muito baixas.

Lucros, o único motivo para uma ação subir

Para um investidor de longo prazo o único fato que deve levar uma ação a subir é um aumento nos seus lucros (ou potencial disso). Se uma empresa lucra mais, ela tem mais dinheiro para distribuir como dividendos, além de mais capital para reinvestir no seu próprio negócio (ou em outros negócios, ou comprar concorrentes) levando a novos aumentos de lucros no futuro (e consequentemente maiores dividendos futuros).

Na teoria, essa deveria ser a única informação que interessa para os investidores. Mas na prática as coisas não são bem assim. Em primeiro lugar, além dos investidores o mercado financeiro também tem especuladores como atores importantes. Diferente do investidor de longo prazo, o especulador não se interessa se os lucros de uma empresa vão subir. Seu

interesse reside apenas em saber se uma ação vai se valorizar ou não. Os motivos dessa valorização podem ser sim pelo aumento nos lucros, mas podem vir de diversos outros fatores, como redução nas taxas de juros, oferta x demanda, variação nas taxas de câmbio ou quaisquer outras situações que levem os preços das ações a subir ou descer, de modo que ele possa lucrar com essa variação.

Ou seja, nem todas as decisões de investimentos são baseadas nos lucros e nos fundamentos dos investimentos. É importante entender isso, pois nem todas as reações dos mercados são racionais, do ponto de vista do investimento de longo prazo.

O fato de os mercados subirem vigorosamente nos últimos dois meses, mesmo com a pandemia não controlada e sem conhecermos os impactos que as quarentenas terão nas economias, me deixa preocupado se essa alta não é apenas especulativa, e pode ser revertida com o tempo.

Na minha opinião existem dois fatores principais que explicam a alta das ações nos últimos meses: a queda nas taxas de juros e a entrada do investidor pessoa física no mercado de ações. Embora a entrada de pessoas físicas no mercado acionário se deva em grande parte a queda nas taxas de juros, vale a pena analisar esse efeito separadamente.

Queda nas taxas de juros implica em valorização das ações. Esse é um efeito clássico do mundo dos investimentos. Isso tende a ocorrer por dois motivos: 1) maior quantidade de capital disponível para investimentos e consumo e; 2) maior alocação de capital em renda variável, buscando melhor retorno sobre o capital.

O primeiro efeito ocorre, pois com taxas de juros menores as empresas endividadas terão menos juros para pagar, com aumento dos seus lucros. Além disso, empresas sem dívidas ou com baixo endividamento podem realizar projetos que antes não eram interessantes, com aumento dos investimentos (financiado com dívidas mais baratas). Além disso, pessoas endividadas pagam menos juros, tendo mais capital disponível para consumo, levando a aumento de vendas pelas empresas e conseqüentemente de lucros.

Já o segundo efeito ocorre, pois, pessoas que antes investiam em renda fixa, vendo os seus rendimentos diminuírem, tendem a alocar uma parte maior dos seus investimentos em ações, imóveis ou outros ativos de renda variável, buscando rendimentos maiores. Com mais capital alocado no mercado de ações (e a renda variável em geral) a tendência é que os preços subam.

A taxa de juros no Brasil caiu para seu menor nível histórico, e está agora em 2,25% ao ano (e com potencial de cair mais um pouco até o fim do ano). Lembrando que a taxa era de 14,25% há cerca de 4 anos, no auge do governo Dilma, quando a inflação ganhou força. Foi reduzida durante o governo Temer para um nível de 6,5% e vinha sendo reduzida no governo Bolsonaro, mesmo antes da explosão do Covid-19. Ou seja, tivemos uma fortíssima redução nos juros, que levou a uma forte alta do Ibovespa. Até aí, tudo parece normal. Juros caem e bolsa sobe.

Mas a questão que fica é se essa redução na taxa de juros é sustentável a longo prazo? Teremos juros baixíssimos, no nível atual ou até menos por quanto tempo? Por que se a redução durar um ano e depois os juros voltarem para o nível de 6,5% (ou mais), o seu efeito sobre o preço das ações será de curto prazo também, sendo revertido logo que houver sinal de que os juros vão subir. Ou seja, se a redução não for duradora, seu efeito para o investidor de longo prazo deveria ser muito pequeno, e não de uma forte alta de 50%, como vimos nos últimos meses.

Com relação a manutenção dos juros muito baixos no Brasil e no mundo, não tenho como responder se isso é algo de curto prazo ou se esse nível de taxas pode durar muito tempo. Mas vale dizer que os juros só estão excessivamente baixos, no nível atual, como uma medida excepcional para enfrentar o momento totalmente atípico que vivemos. Se a economia se recuperar (é para isso que o governo tomou todas as medidas de estímulo econômico), a inflação que hoje é muito baixa tende a voltar a subir, e logo o BC precisará elevar os juros para evitar que ela ganhe força (como ocorreu no governo Dilma). Ou seja, se as medidas econômicas tiverem o efeito desejado, é bem possível que os juros no patamar atual durem pouco tempo (e se elas não tiverem o efeito desejado a bolsa não devia ter subido).

Além disso, para piorar, a queda nos juros não foi a única medida de estímulo a economia. O governo tomou diversas outras ações para ajudar pessoas e empresas afetadas pela quarentena. Foi dado um auxílio de R\$ 600 para milhões de pessoas (boa parte dessas indevidas), além de diversos auxílios para empresas, com financiamentos, redução/adiamento de impostos, etc.

Isso é importante nesse momento, mas tem um custo elevado. A expectativa é que o déficit público fique esse ano em algo entre R\$ 600 a R\$ 800 bilhões. Vale dizer que antes da crise a expectativa de déficit era de algo próximo a R\$ 120 bilhões. E mesmo esse déficit de R\$ 120 bilhões já era um problema, que levou a necessidade da reforma da previdência e gerava outras necessidades de reformas que o país ainda não fez (e das quais precisa urgentemente). O ideal é que o governo não tivesse déficit, mas sim superávit.

O problema do déficit é que o governo não tem dinheiro para pagar suas contas e com isso precisa se endividar para completar o orçamento. Só que com um déficit tão grande e com perspectivas econômicas ruins, a dívida pública cresce muito. A dívida atual é pouco maior do que R\$ 4 trilhões, mas tem um potencial de crescimento explosivo com o déficit esperado para esse ano e quem sabe os próximos. Com uma dívida tão elevada o país pode não encontrar investidores interessados em financiar seu déficit (especialmente recebendo uma taxa tão baixa) e pode ser obrigado a aumentar os juros para atrair investidores. Ou seja, mesmo sem inflação, ainda é possível que os juros subam.

Nossa experiência com taxas de juros muito baixas ainda é super recente, mas vale dizer que nos EUA as taxas de juros estão muito próximas de zero há cerca de 12 anos, e com sucesso. Acho um erro, com um custo que será pago mais para frente, mas por enquanto

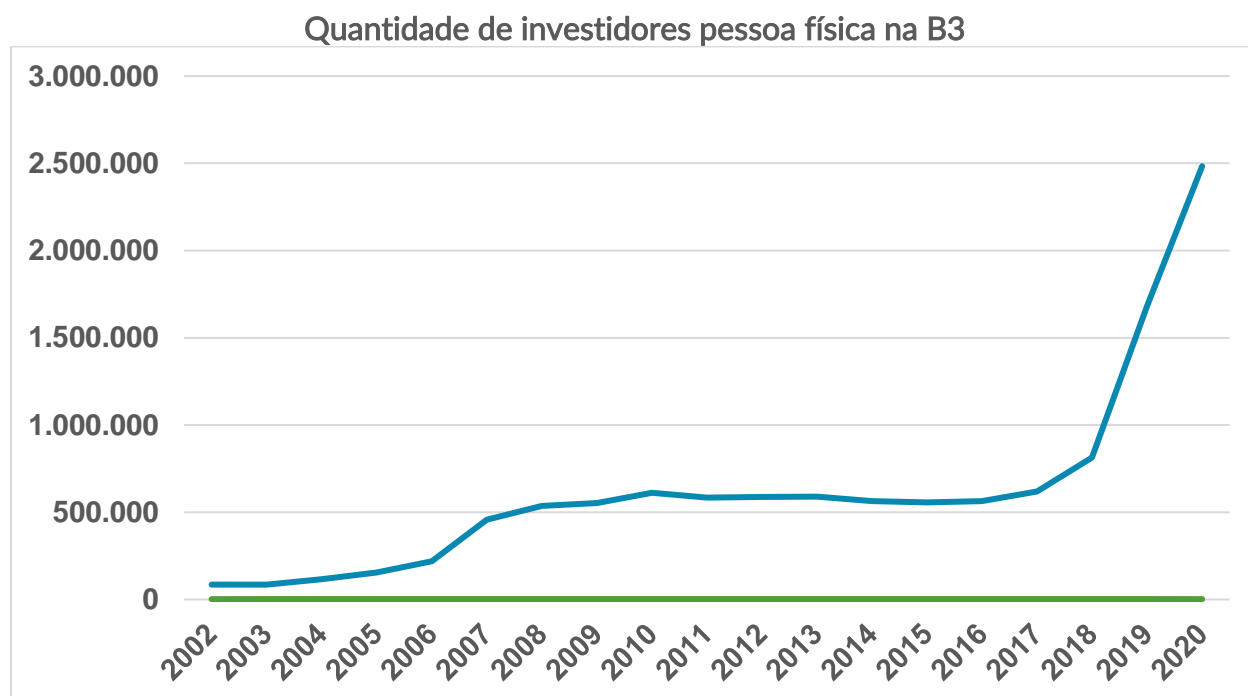
as taxas extremamente baixas têm se mantido e a economia deles prosperado. Não ousou dizer que a taxa de juros atual não pode se manter por muitos anos, aqui no Brasil. Mas por tudo o que escrevi, acredito sim que temos um risco significativo de as taxas de juros subirem no Brasil, a médio/longo prazo.

Em resumo, a bolsa subir com as taxas de juros baixas, só faz sentido para o investidor de longo prazo se as taxas tiverem potencial de assim serem mantidas por um bom tempo. Se existe um forte risco de elas voltarem ao seu patamar anterior (ou mais do que isso), a alta nas ações provocada pela queda nos juros tende a ser passageira e o seu preço a se valorizar pouco ou até cair a médio/longo prazo.

Dumb money

“Dumb Money” é como o mercado costuma se referir aos investidores pessoa física, em oposição ao “smart money”, que é como é chamado o dinheiro investido por profissionais. A tradução de “dumb money” seria algo como “dinheiro bobo”. É o dinheiro daqueles que investem sem saber o que estão fazendo, já que pessoas físicas não são profissionais e muitas vezes realmente investem sem saber o que fazem. Como você deve ter imaginado (se não fala inglês) “smart money” pode ser traduzido como “dinheiro inteligente”, em oposição ao “dumb money”.

Um dos efeitos da queda nas taxas de juros foi um grande aumento na quantidade de investidores pessoa física na B3 (a nossa bolsa de valores), como pode ser visto abaixo:



Fonte: B3

O que se vê é um enorme aumento no número de investidores, especialmente nos últimos 3 anos, justamente o período em que as taxas de juros caíram do nível de 14,25% ao ano para seus atuais 2,25%. Tínhamos apenas 85 mil pessoas físicas investindo na bolsa em 2002, número que saltou para cerca de 500 mil até 2008 (um período de forte alta nas ações) e se manteve nesse patamar até 2017, quando voltou a crescer de forma exponencial, atingindo cerca de 2,4 milhões de investidores em maio desse ano.

O aumento de investidores pessoa física na bolsa é algo muito positivo, tanto para o mercado como para esses investidores, que devem se beneficiar de retornos mais altos nos seus investimentos a longo prazo. Mas esses investidores tendem a se beneficiar se de fato investirem, pois se decidirem especular, que é o que a maioria faz, a tendência é que percam dinheiro a longo prazo.

Eu escrevi no livro *Descomplicando investimentos* que “especular não é errado, não é ilegal e nem sequer imoral”. Eu não tenho nada contra especuladores. Mas especular é uma atividade muito difícil, que requer muito talento, dedicação e controle de risco, com a qual a maioria das pessoas não obtém sucesso. Já vi estudos apontando que algo como 95% a 97% dos especuladores perdem dinheiro.

Especular não é algo bem visto, assim os especuladores passaram a se auto intitular traders, usando a palavra em inglês mesmo. Mas não se engane: traders e especuladores são exatamente a mesma coisa. São pessoas que compram e vendem ativos (a maioria ações, mas pode-se especular com qualquer ativo) com intuito de obter um ganho com a valorização (ou as vezes desvalorização) desses e partir para o próximo *trade*. Nada contra obter ganho. O objetivo dos investidores é o mesmo. A diferença é que investidores entram em um negócio pelas perspectivas de longo prazo, tomando como base os fundamentos daquele ativo. Já especuladores não se preocupam com os fundamentos, mas sim com o mercado e com a possibilidade de fazer ganho com suas variações. O problema disso, é que quando algo não faz sentido, os investidores tendem a fugir, esperando que os preços fiquem atraentes. Já especuladores não se preocupam com fundamentos, logo não conseguem ver quando as coisas não fazem sentido, e é justamente nessa hora que suas perdas podem ser elevadas.

O que chama atenção é que a alta na bolsa de valores (aqui e no exterior também) é causada pelas baixas taxas de juros (e não por aumento nos lucros das empresas) e é liderada pelo chamado “dumb money”. Como eu disse, é ótimo que o investidor pessoa física entre na bolsa e se beneficie dela. Mas o jeito de se beneficiar é investir a longo prazo, e não ficar buscando grandes tacadas ou ganho rápido com especulação.

Um exemplo, para deixar mais claro, é de um investidor que olha apenas taxa de retorno. Imagine que ele estava acostumado a ganhar 1% ao mês com a renda fixa. Viu esses rendimentos caírem para 0,5% e agora estava ganhando menos de 0,2% ao mês. Com o CDI próximo de 2% ao ano ele encontra uma empresa que pagou dividendos de 5% no último ano. Logo ele acha que encontrou a solução dos seus problemas, e passa a ter um ganho 2,5 vezes maior do que o CDI. Só que ele se esquece que por trás dessa ação tem

uma empresa. Se essa empresa for afetada pela crise (existe grande chance de ser) os seus lucros podem ser reduzidos e com isso o dividendo. Pior, os lucros podem virar prejuízo e o dividendo ser cessado. E pior ainda com prejuízo as ações podem se desvalorizar e ele perder 50% do que investiu. Ou seja, ele abriu mão de um retorno bom e seguro, porém baixo e o trocou por um potencial de retorno maior (mas nada de espetacular) e com muito mais risco, que se transformou em um péssimo investimento. E esse é só um exemplo de uma análise de investimentos mal feita. Aqui nem estamos falando de traders e investimento alavancado (quando o investidor toma dinheiro emprestado para aumentar seus investimentos e consequentemente seus lucros ou prejuízos).

Só para deixar claro: adoro o investimento em dividendos. Mas investir em dividendos não significa olhar os dividendos dos últimos 12 meses e sua taxa %. É preciso entender a empresa por trás da ação, e ter uma boa ideia de como ela vai se sair no futuro. Mais importante do que os dividendos dos últimos 12 meses é a sustentabilidade do pagamento deles no futuro (afinal o seu ganho vem do futuro e não dos últimos 12 meses).

É também importante dizer que eu odeio os nomes “smart money” e “dumb money”, e só uso eles para ilustrar um ponto. Já ouvi dizer que quando o “dumb money” entende que ele é “dumb money” ele deixa de ser “dumb” (bobo). O investidor pessoa física pode e muitas vezes supera os profissionais. Mas para isso é preciso em primeiro lugar entender sua condição e suas limitações.

Como eu disse, especular (ou ser trader) é um ótimo modo de perder dinheiro, competindo com profissionais super competentes, com muito mais capital, experiência e até sistemas (muitos usam até “robôs” de investimentos). Mas quando um investidor pessoa física investe em um bom fundo de ações ele deixa de ser “dumb money” e passa a ter seus investimentos geridos por alguns dos melhores investidores do país. O mesmo vale quando investe em ETFs ou assina relatórios de analistas sérios (analistas picaretas, que prometem retornos absurdos também não ajudam muito). Agora se você investe ouvindo seu amigo trader, um youtuber da moda, o gerente do banco ou mesmo um assessor de investimentos, sinto lhe dizer mas você não entendeu nada e ainda faz parte do “dumb money”.

Assim como o “dumb money” pode deixar de ser “dumb” com pequenas atitudes, o “smart money” não é tudo isso. No levantamento que fiz no livro Descomplicando investimentos, identifiquei que mais de 80% dos fundos de ações (geridos por profissionais) perdiam do IbrX-100. Ou seja, a maior parte do “smart money” gera um retorno abaixo da média do mercado, de modo que o “smart” está muito mais no nome do que nos resultados.

Mas o fato é que a alta na bolsa hoje está sendo puxada pelas pessoas físicas, que ficando em casa e, muitas sem trabalho ou outra fonte de renda, resolvem “tentar” virar trader e “ver como isso funciona”, para ver se dá para ganhar um dinheiro preso em casa. E a má notícia é que quem resolveu começar a especular em março ou abril teve muito sucesso. Quem entrou na mínima da bolsa tem hoje um ganho de 50%, em cerca de três meses. Da a impressão que dá para viver disso. Que ser trader é muito fácil. O novato se sente um

verdadeiro gênio, e ganancioso e confiante decide se alavancar tomando empréstimos para aumentar seus ganhos.

Só que sem noção de risco, os novatos muitas vezes não percebem que a alavancagem é uma faca de dois gumes. Se ela aumenta os ganhos, ela também aumenta os prejuízos. E isso muitas vezes é fatal.

Imagine um investidor que tinha R\$ 50 mil para investir em março. Se ele obteve o mesmo ganho da bolsa (50%), ele deve ter hoje cerca de R\$ 75 mil. Um ganho de R\$ 25 mil em 3 meses. Mais de R\$ 8 mil por mês. Tá ótimo para quem não pode sair de casa e nem trabalhar. Aí ele olha esse ganho e pensa que perdeu uma ótima oportunidade de ganhar mais dinheiro. Se tivesse investido alavancado, como o amigo trader dele indicou (ou youtuber, ou o assessor de investimentos) ele teria ganhado muito mais. Se alavancasse seus investimentos em 3 vezes ele teria investido R\$ 150 mil (R\$ 50 mil dele e mais R\$ 100 mil que ele pegou emprestado da corretora). Nesse caso seu ganho seria de R\$ 75 mil (menos o custo do dinheiro da corretora, mas que costuma ser baixo), o que dá cerca de R\$ 25 mil por mês. Aí sim o retorno que ele queria e que vai deixá-lo rico rapidinho.

Arrependido, nosso bravo investidor decide então alavancar seus atuais R\$ 75 mil em 3 vezes, investindo um total de R\$ 225 mil. Agora imagine que nos próximos 3 meses a pandemia volta a ganhar força, ou o acordo entre EUA e China é cancelado, ou o presidente Bolsonaro, com problemas com o congresso, não consegue aprovar nenhuma reforma ou medida de estímulo à economia (ou as 3 coisas combinadas). Nesse cenário seria razoável imaginar uma queda de 30% na bolsa. O problema é que nosso amigo alavancado perde 30% sobre os R\$ 225 mil investidos. No caso sua perda é de R\$ 67.500. Ou seja, ele perde 90% do seu capital original de R\$ 75 mil. Dos R\$ 50 mil originais que ele investiu, sobram apenas R\$ 7.500. Se a perda fosse um pouquinho maior, 35% por exemplo, ele perderia tudo. E aí, ele está fora do jogo. Sem capital não dá para investir.

Não sei quantos dos novos investidores da bolsa são especuladores e quantos são investidores de fato. Mas imagino que uma parte significativa seja de especuladores (ou que usem pelo menos uma parte do capital para especular). E isso me preocupa. Não apenas porque muita gente pode perder um dinheiro, que vai fazer falta no futuro, mas também pelo fato de que a alta atual pode não ser sustentável.

Como investidor de longo prazo eu não tento prever onde as ações vão estar daqui há um mês ou no final do ano. O que me interessa é onde elas estarão em 10 anos (ou mais). Geralmente minha opinião é que em 10 anos elas vão subir (nunca aconteceu o contrário com o Ibovespa). Mas com a situação de crise atual, e o valor atual do Ibovespa, tenho dúvidas se as ações se valorizarão nos próximos 10 anos. Com a bolsa perto de 60 mil pontos eu sentia muito mais confiança no investimento em ações do que sinto hoje, com o Ibovespa ao redor dos 95 mil pontos.

O QUE FAZER COM SEUS INVESTIMENTOS?

Com a situação mudando um pouco, nesse momento recomendo cautela. Isso não quer dizer que você não deve investir em ações (o investidor de longo prazo sempre deve ter uma parcela significativa dos seus investimentos em ações), mas sim que deve fazer isso com cautela e segurança.

Na prática acredito que você deve aproveitar o movimento de alta e embolsar um pouco dos lucros dos últimos 3 meses que você fez em ações. Seu portfolio hoje deve estar perto de 35% em ações (ou algo entre 30% e 40%), de modo que você deve aproveitar para vender e manter algo como 25% a 30% em ações.

O resto do capital pode deve ser investido preferencialmente em renda fixa, com uma alocação próxima de 55-60% em Selic. O resto pode ser investido em renda fixa de longo prazo, sendo que uns 5% (ou um pouco menos) podem ser investidos em ativos de proteção como o dólar ou o ouro, que já se valorizaram bastante, mas podem se valorizar mais se a crise voltar a ganhar força.



DISCLAIMER

O(s) analista(s) de investimento, ou de valores mobiliários, envolvido(s) na elaboração deste relatório (“Analistas de investimento”), declara(m) que as recomendações contidas neste refletem exclusivamente suas opiniões pessoais sobre os valores mobiliários e companhias abordados no mesmo e foram elaboradas de forma independente e autônoma.

As carteiras propostas são elaboradas de forma genérica, buscando atender às necessidades que determinados perfis de investidores tenham, ou que atendam a determinados objetivos de investimentos. Cabe ao assinante utilizar as informações contidas no relatório como apoio na sua tomada de decisão de investimentos, adaptando estas sugestões genéricas às suas necessidades específicas.

Todos os ativos sugeridos neste relatório envolvem risco de prejuízo, em menor ou maior nível, de modo que a decisão e a consequente responsabilidade de investir em qualquer valor mobiliário sugerido neste relatório é exclusiva do usuário.

O relatório é baseado em informações disponíveis ao público, consideradas confiáveis na data de sua publicação. O seu conteúdo nasce de estimativas e está sujeito a mudanças. Assim, as informações, opiniões, estimativas e projeções contidas neste documento referem-se à data presente e estão sujeitas a mudanças, não implicando necessariamente a obrigação de qualquer comunicação no sentido de atualização ou revisão com respeito a tal mudança.

Este relatório não representa oferta de negociação de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

O presente relatório constitui propriedade intelectual da Ohr e é de uso exclusivo do seu assinante, não podendo ser reproduzido ou distribuído a terceiros, no todo ou em parte, sem expressa autorização da Ohr. A reprodução indevida deste relatório sujeita o infrator a todas as penalidades previstas pela lei.